



COMPARAÇÃO DE ÓBITOS POR NEOPLASIAS MALIGNAS NO BRASIL: 2000-2020

¹ Rebecca Castro Cysne; ² George Lucas Feitosa Rolim de Paula; ³ Ana Gabriela Coutinho Leite Carneiro; ⁴ Izabelle Fiuza Gomes Gondim; ⁵ João Victor Evangelista da Silva; ⁶ José Alexandre Albino Pinheiro;

¹ Graduando em Farmácia pela Universidade Federal do Ceará – UFC; ² Graduando em Enfermagem pela Universidade Federal do Ceará - UFC; ³ Graduando em Enfermagem pela Universidade Federal do Ceará – UFC; ⁴ Graduando em Enfermagem pela Universidade Federal do Ceará - UFC; ⁵ Graduando em Farmácia pela Universidade Federal do Ceará - UFC; ⁶ Mestrando em Enfermagem pela Universidade Federal do Ceará - UFC.

Área temática: Temas transversais

Modalidade: Comunicação Oral

E-mail dos autores: rebeccacysne@alu.ufc.br¹; george.feitosa98@gmail.com²; anagabrielacontinho@alu.ufc.br³; bellefiuza@alu.ufc.br⁴; victorevans@alu.ufc.br⁵; alexandrepinheiro@ufc.br⁶.

RESUMO

INTRODUÇÃO: Neoplasias malignas (NM) — ou câncer — são uma das principais causas de morbidade e mortalidade global. No Brasil, as mudanças demográficas, urbanização, industrialização e avanços científicos e tecnológicos têm alterado o perfil de morbimortalidade, com um foco maior em doenças crônicas degenerativas. **OBJETIVO:** Comparar a quantidade de óbitos por NM no Brasil entre os anos de 2000 a 2020. **MÉTODOS:** Trata-se de um estudo descritivo, transversal, com abordagem quantitativa e caráter retrospectivo, realizado no mês de julho de 2023. **RESULTADOS:** Identificou-se que as NMs com maior número de óbitos foram as com acometimento de órgãos digestivos, representando 32,3% do total de mortes, enquanto que NMs locais múltiplos independentes primários correspondem apenas a 0,11% dos óbitos. Além disso, observa-se um aumento gradual durante o intervalo de 20 anos, implicando uma possível negligência em intervenções preventivas para diagnóstico precoce da doença. **CONCLUSÃO:** Torna-se evidente que o câncer é uma doença que aumentou no cotidiano dos brasileiros entre 2000 e 2020, esse fator pode ser explicado devido ao envelhecimento da população e de hábitos de vida inadequados, sendo assim essencial o investimento em novos estudos e a realização de exames de prevenção.

Palavras-chave: Óbito; Neoplasias Malignas; Morbimortalidade.





1 INTRODUÇÃO

NMs, conhecidas como câncer, são responsáveis por uma significativa morbidade e mortalidade em escala global. A literatura descreve o câncer como um grupo de mais de 100 doenças distintas, caracterizadas pelo crescimento descontrolado de células anormais com capacidade invasiva. Sua origem está associada a uma complexa interação de múltiplos fatores, que podem atuar de forma combinada ou sequencial, desencadeando e impulsionando o desenvolvimento da doença (MANSO et al., 2017). A incidência dessa doença é tamanha que, em 2012, houveram mais de 14 milhões de novos casos e 8,2 milhões de mortes relacionadas à ela, com impacto na incapacidade de 8,2 milhões de pessoas (MANSO et al., 2017). Manso e colaboradores (2017) ainda afirmam que, em dados coletados de 2012, os cânceres mais comuns nos homens foram pulmão, próstata, cólon, reto, estômago e fígado, enquanto nas mulheres foram mama, cólon, reto, pulmão, colo de útero e estômago. Segundo os autores, há projeções que indicam um aumento de aproximadamente 70% no número de casos nas próximas duas décadas, chegando a 22 milhões de casos anuais até 2032. Fatores de risco relacionados a hábitos e dieta, como obesidade, baixa ingestão de frutas e verduras, sedentarismo, tabagismo e consumo de álcool, contribuem para cerca de 30% das mortes por câncer. O tabagismo é o fator de risco mais importante, responsável por 70% das mortes por câncer de pulmão e mais de 20% das mortes em geral no mundo. O câncer já é a principal causa de morte globalmente, superando as doenças cardiovasculares, e espera-se que esse número aumente nos próximos vinte anos devido ao envelhecimento da população e outros fatores (MANSO et al., 2017).

No Brasil, as mudanças demográficas, urbanização, industrialização e avanços científicos e tecnológicos têm alterado o perfil de morbimortalidade, com um foco maior em doenças crônicas degenerativas (MANSO et al., 2017).

2 OBJETIVO

Comparar a quantidade de óbitos por NM no Brasil entre os anos de 2000 a 2020.



3 MÉTODO

Trata-se de um estudo descritivo, transversal, com abordagem quantitativa e caráter retrospectivo, realizado no mês de julho de 2023. Os dados foram obtidos por meio do Sistema de Informação de Mortalidade (SIM), disponibilizados pelo Departamento de Informática do SUS (DATASUS). A população do estudo foi constituída por todos os casos de óbitos por NMs no Brasil entre os anos 2000 e 2020 registrados nos sistemas do SUS. Após extração, os dados foram analisados no Excel versão 2010 para Windows® e organizados em tabelas. Os dados foram analisados a partir da frequência absoluta do total de casos entre os anos estudados, e também a partir do número de casos ano a ano.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A NM que apresentou maior número de óbitos no intervalo de tempo estudado foi a com acometimento de órgãos digestivos, representando 32,3% do total de mortes. Em contrapartida, as Neoplasias malignas locais múltiplos independentes primários correspondem apenas a 0,11% dos óbitos.

Tabela 1 - Óbitos por neoplasias malignas de localização especificada no Brasil entre 2000 e 2020

Neoplasia	Óbitos	%
Neopl malig local múltiplas independentes (prim)	4239	0,11
Neopl malig tireóide e outras glândulas endócr	24243	0,66
Neopl malig dos ossos e cartilagens articulare	33736	0,91
Neopl malig do tecido mesotelial e tecidos mol	45734	1,24
Melanoma e outras(os) neoplasias malignas da p	64571	1,75
Neoplasias malig do lábio, cavidade oral e far	139366	3,8
Neopl malig olhos encéf outr part sist nerv ce	161406	4,4
Neoplasias malignas dos órgãos genitais femini	254080	6,9
Neopl malig local mal def, secund e local n espe	266156	7,22
Neopl malig tecido linfát hematopoét e correlato	266389	7,3
Neoplasias malignas dos órgãos genitais mascul	273130	7,41
Neoplasias malignas da mama	273948	7,43
Neopl malig aparelho respirat e órgãos intrato	562751	15,3
Neoplasias malignas dos órgãos digestivos	1189435	32,3
Total	3684689	100

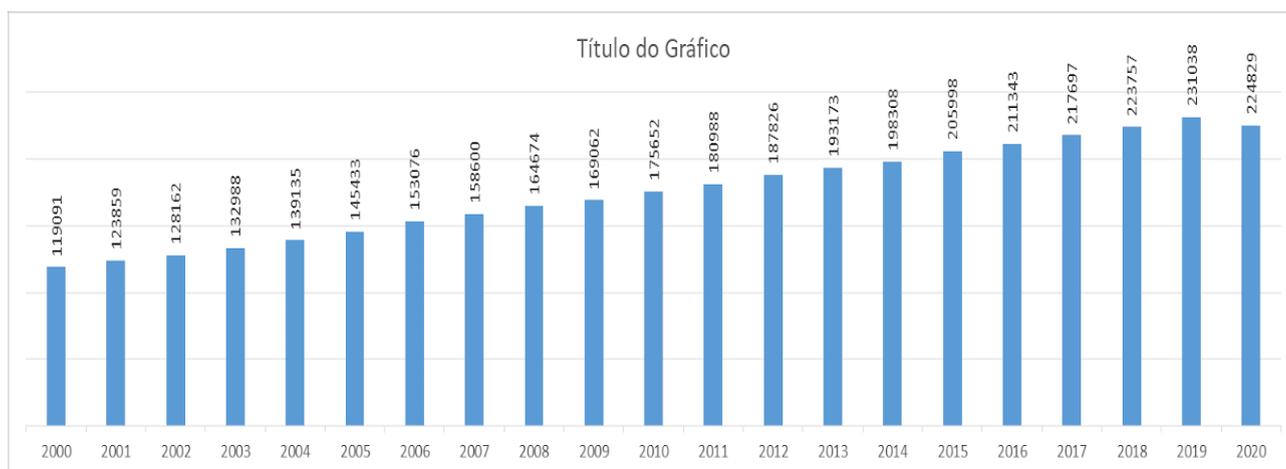
Fonte: DATASUS, 2023.





No que se refere ao total de óbitos por ano, observa-se um aumento gradual durante o intervalo de 20 anos. Os óbitos por neoplasia maligna em 2020 aumentaram em 88,8% em comparação com o ano de 2000, e correspondem a 6,1 % do total de óbitos dos anos analisados, atrás apenas do ano de 2019 com 6,3% dos óbitos totais.

Tabela 2 - Óbitos por anos (2000 a 2020)



Fonte: DATASUS, 2023.

Em verdade, é possível observar que, em outros países, em sua maioria desenvolvidos, ocorreu uma queda da mortalidade por câncer, especialmente na última década, porém, tais dados não correspondem à realidade enfrentada no Brasil (SILVA et al., 2020). A maneira mais adequada para intervenção dessa situação seria o investimento em intervenções preventivas, possibilitando o rastreamento e o diagnóstico precoce da doença, a fim de conseguir o tratamento adequado e aumentar as chances de um prognóstico positivo para o paciente.

No entanto, tais medidas ainda não são executadas da forma esperada no Brasil, especialmente porque a maioria da população depende do atendimento do serviço público para ter acesso aos serviços de saúde, impossibilitando-os de obter o atendimento necessário, pela alta demanda e pela falta de suporte financeiro, que impossibilita as instituições públicas de arcarem com as despesas do atendimento e os estudos voltados para esses pacientes (GUERRA et al., 2017).

Portanto, é inevitável relacionar o aumento do número de óbitos causados pelo câncer nas últimas duas décadas, com as questões sociais, políticas e econômicas do Brasil. Esse panorama,



torna o esquema de atendimento do Sistema Único de Saúde (SUS) frágil, tendo como exemplo o período da pandemia de COVID-19, que impossibilitou que milhares de indivíduos continuassem o tratamento ou que obtivessem seu diagnóstico precoce, por causa do receio de se exporem ao SARS-CoV-2 e nem todos os pacientes possuíam condições financeiras e estruturais para obter acompanhamento a distância, em consultas online, principalmente, se for levado em consideração as desigualdades socioeconômicas das regiões brasileiras (ARAÚJO et al., 2020).

5 CONCLUSÃO

Diante do apresentado, pode-se dizer que o câncer é uma doença que aumentou entre os anos de 2000 e 2020. Esse fato pode se relacionar a diversos fatores, mas, especialmente, ao envelhecimento da população e de hábitos de vida inadequados, como tabagismo, alcoolismo, sedentarismo e má alimentação, os quais evidenciam as consequências negativas no futuro.

No entanto, mesmo que o câncer seja uma doença preponderante, no século XXI, é observável que os indivíduos acometidos podem ter uma vida mais longa e saudável. Para isso, é essencial o investimento massivo em estudos na área de oncologia, atrelado a uma maior oferta e realização de exames preventivos e ações que tenham como fundamento a promoção da saúde.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Sérgio Eduardo Alonso, LEAL, Alessandro ; CENTRONE, Ana Fernanda Yamazaki. Impact of COVID-19 pandemic on care of oncological patients: experience of a cancer center in a Latin American pandemic epicenter. *einstein* (São Paulo), v. 19, p. eAO6282, 2021.

BRASIL. Ministério da Saúde. **DATASUS** (Departamento de Informática do SUS). Disponível em: <<http://www2.datasus.gov.br/DATASUS/index.php>>. Acesso em: 7 jul. 2023.

GUERRA, Maximiliano Ribeiro et al. Magnitude e variação da carga da mortalidade por câncer no Brasil e Unidades da Federação, 1990 e 2015. **Revista Brasileira de Epidemiologia** [online]. 2017, v. 20, n. Suppl 01 [Acessado 19 Julho 2023], pp. 102-115.

MANSO, M. E. G.; LOPES, R. G. da C.; FONSECA, A.; REI, A.; SANTOS, M. M. **Cuidados Paliativos para o portador de câncer**. Portal de Divulgação, [s. l.], n. 52, p. 77–82, 2017. Disponível em: <www.portaldoenvelhecimento.com/revista-nova>. Acesso em: 1 jul. 2023.

SILVA, G. A. E. et al.. Cancer mortality in the Capitals and in the interior of Brazil: a four-decade analysis. **Revista de Saúde Pública**, v. 54, p. 126, 2020.

